

# VIAGEM, IDENTIDADE E NAÇÃO EM ALMEIDA GARRETT

*Maria Luiza Ritzel Remédios\**

## RESUMO

Pretende-se realizar uma leitura crítica da obra garretiana, em específico de *Viagens na minha terra*, considerando-se a tradição do tema viagem na literatura portuguesa, simultaneamente à questão da construção da nação e da identidade nacional e de considerações autobiográficas do narrador-autor.

O tema da viagem sempre foi cultivado nas culturas de língua portuguesa, pois, desde o século XIV, quando os navegadores portugueses começaram a desbravar os mares em busca de novas terras, registraram os percalços, o trajeto das viagens e os descobrimentos que faziam, bem como descreviam, em forma de narrativa, as terras e os homens que encontravam. Produziram uma literatura relacionada a fatos extraliterários, que não se circunscrevia apenas ao percurso espacial e temporal do viajante; referia-se, muito mais, aos motivos que o levavam a deslocar-se de um ponto a outro, os quais são capazes de condicionar sua concretização e representação discursiva (Reis, 1994, p. 87-95). A viagem representa, normalmente, não só a vontade de romper fronteiras ou limites geográficos, mas também o desejo do viajante de, através do conhecimento de novos povos e culturas, pensar de uma maneira diferente o seu próprio eu.

Em *Os Lusíadas*, Camões, narrando a viagem da gente lusíada para o Oriente, estabelece o marco inicial da pátria e da língua portuguesa e aponta para a identidade do homem português. Ao estabelecer o diálogo de Portugal com outras nações descobertas e adicionadas ao Império português, sempre em viagem desvela as decepções e as contestações à grandiosidade do ser português. A viagem, na epopeia camoniana, representava a vitória de sua Pátria e as descobertas marítimas comprovavam os méritos desse homem que enfrentava os labirintos inimagináveis do

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

desconhecido, vencendo temores e limites, acreditando em si mesmo e em sua Pátria, ampliando a sua nacionalidade.

Se Camões, no século XVI, relata os feitos e as conquistas portuguesas durante a viagem para as Índias comandada por Vasco da Gama; outra é a viagem que, no século XIX, Almeida Garrett relata. Sua novela **Viagens na minha terra** (Garrett, 1966, p. 9-208)<sup>1</sup> constitui-se num texto em que não importa só o relato minucioso dos fatos e dos incidentes de uma viagem, mas, principalmente, é um texto em que “a viagem em si mesma constitui elemento temático fundamental” (Reis, 1994, p. 89). Garrett trata a viagem como modo de busca identitária a que Félix Guattari e S. Rolnick (1986) definem como um “processo de segundo grau, em permanente movimento de construção/desconstrução criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la”, o qual leva o leitor a deduzir que edificar a sociedade é erguer uma ponte entre as identidades individuais e a identidade nacional. De fato, a viagem enquanto tema está marcada desde o primeiro capítulo de **Viagens na minha terra**, quando o narrador diz:

*Que viaje à roda de seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo – entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, com a laranjeira que cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.*

*Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de Estio, viajo até minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei-de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém, e protesto de quanto há de vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crónica. (p. 11)*

Nessa ordem de idéias, o propósito da viagem do herói fica bem definido: “Vou nada menos que a Santarém”, bem como se situa a novela como crônica-ensaio e um ato de intervenção, pois

*Era uma idéia vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha há muito, de ir reconhecer as ricas várzeas desse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais histórica e monumental das nossas vilas. Abalam-me as instâncias de um amigo, decidem-me as tonteiras de um jornal, que por mexeriquice quis encabeçar, em desígnio político determinado, a minha visita.*

*Pois por isso mesmo vou: – **pronunciei-me.** (p. 11. O negrito é nosso)*

Viagem, intervenção, crônica-ensaio em que teses serão desenvolvidas, a novela constrói uma proposição nos dois primeiros capítulos em que, de início, apresenta um

<sup>1</sup> GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. In: *Obra completa*. Porto: Lello & Irmão, 1966. p. 9-208. A essa edição referem-se todas as citações.

elogio do Autor à sua produção:

*Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não pode explicar.*

*É um mito, porque – porque... Já agora rasgo o véu e declaro ao benévolo leitor a profunda idéia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de viagenszita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Lípsia, não das tais brochurinhas dos “boulevards” de Paris. (p. 16)*

Permite assim ao “leitor benévolo” que, simultaneamente aos dois domínios fundamentais, o exotismo e o nacionalismo, desvele a intenção afirmada pelo Autor desde a sua juventude e confirmada no prefácio de **O Arco de Sant’Ana**: lutar pelos ideais liberais.

Esse propósito, realizado na novela, tem suas conseqüências numa atitude narrativa específica: em primeiro lugar, a emergência de um narrador autodiegético que conta uma história destinada a ser exemplar; em segundo lugar, intervenções do narrador que marcam a exemplaridade do relato, relacionando o passado e o presente e destacando aspectos negativos e a inferioridade desse em relação àquele; em terceiro lugar, a tentativa de comprometer o narratário explícito, “leitor benévolo”, nas viagens relatadas; por fim, a questão do verossímil e do verdadeiro, da ilusão do verdadeiro percebida através do tom coloquial, da aproximação do quotidiano e documento. A par disso, somem-se a ironia e as considerações humorísticas que trazem consigo interrupções reflexivas, evidenciando a nostalgia do passado e as profundas marcas que a guerra civil deixara, bem como os ódios partidários que permaneceram. Carlos, herói da novela, tanto quanto Garrett, seu criador, assistia temerosamente a ascensão da burguesia apontando para o regime de Costa Cabral que, sob a capa de um liberalismo de fachada constituiu um *status in statu*, defendido por processos nem sempre honestos. Em **Viagens**, os oportunistas, os novos-ricos, são denominados de “barões” e vistos como “usurariamente revolucionários e revolucionariamente usurários” (p. 134). Essa atitude narrativa justifica a viagem que se realiza no interior do próprio país do autor-narrador, o qual busca as fontes de sua nacionalidade no contato direto com os cenários que presenciaram a história e que por si só são capazes de a fazer reviver.

Benedict Anderson (1989) sublinha como quadros de referência significativos, em seu auge, quanto à nacionalidade, dois sistemas culturais: a comunidade religiosa e o reino dinástico. Organizados a partir da primordialidade de uma língua sobre outra, esses sistemas forneceria as bases ao estabelecimento das nações modernas e, conseqüentemente, da consciência nacional, devendo-se apontar que a palavra nação designa uma comunidade política imaginada como soberana e implicitamente limitada por suas raízes culturais. O companheirismo profundo e horizon-

tal, entendido como comunidade, tem, no desenvolvimento da imprensa e do romance, dois novos aliados à idéia de simultaneidade temporal, que o tornam possível. A novela **Viagens na minha terra** apresenta traços que a identificam aos paradigmas da forma romanesca romântica preponderante na Europa do século XIX e adentra num quadro referencial marcado pela reprodução do pensamento político-social de uma sociedade dividida em duas facções, miguelistas e liberais, no interior de uma retórica em que o binômio antitético “Portugal velho” (absolutismo miguelista)/ “Portugal novo” (liberais) sobressaía como a norma hegemônica para o alcance do desenvolvimento social. As comunidades literária e religiosa, bem como o núcleo familiar dos portugueses (estruturado similarmente aos reinos dinásticos), são representados no texto de Garrett, ainda que se vislumbrem em seus escombros discursivos a ironia e a crítica social à realidade da qual a ficção se alimenta.

A sociedade retratada por Garrett e a nação, já consolidada, é revelada pelas lendas populares, pela história da “Menina dos Rouxinóis” e pelas digressões do narrador, que cumpre fielmente o que havia prometido no primeiro capítulo: “de quanto *vir* ou *ouvir*, de quanto eu *pensar* e *sentir* se há de fazer crónica” (p. 11. Grifos nossos). Assim, multiplicam-se os momentos em que o narrador discorre livremente sobre os mais diferentes temas, da política à literatura, os quais surgem motivados quer pelos incidentes da viagem, quer pela história que essa engloba. As digressões do narrador surgem para marcar ideologicamente seu discurso e revelar o caótico estado da nação portuguesa, tangencial à política monárquica, passando antes pela corrupção da sociedade, notadamente pela aristocracia decadente e pelo modelo familiar burguês corroído pelas atitudes individuais, e destacando que a crise da moral coletiva tem origem na moral individual.

**Viagens na minha terra**, ao mesmo tempo que realça o cruzamento dos destinos de representantes de campos opostos, que naturalmente se deveriam unir, revela que o sistema patriarcal e o absolutismo cedem lugar à preocupação com os indivíduos que traduzem a degenerescência. A crise ascende do indivíduo à nação e desencadeia-se num momento fulcral da existência do herói que reflete sobre a dupla postulação a que o Homem se sujeita: ser *natural* e ser *social*. Portugal, governado por uma monarquia que adaptava o liberalismo à sua histórica estrutura comunitária, substituíra os saudosos recursos da colônia pelo endividamento estatal e privado. Se as obras viárias criavam novos empregos e dinamizavam a comercialização dos frutos da terra, o desenvolvimento da produção agrícola expandia a classe média, cujas demandas de consumo alimentavam as importações e acabavam por soterrar as indústrias nacionais. Conseqüentemente, o grande Império português, revelado por Camões em **Os Lusíadas**, apresenta-se em fase de degeneração e o narrador garretiano empenha-se em mostrar que a Casa estava ruindo e que a reconstrução só seria possível se se pudessem arranjar todas as classes sociais que a constituem sob o manto da nação. Revela-se a impossibilidade quando o narrador mostra que as uniões

conjugais e produtivas, símbolos da unificação nacional, são frustradas. Exemplo disso é a personagem protagonista Carlos, produto de um mundo absolutista por nascimento e liberal por ideologia, não consegue decidir-se entre Joaninha e Georgina, representantes do velho e do novo Portugal, respectivamente. Desiste das duas e, por isso, perde sua qualidade moral e termina alienada, evocando o estado de degradação nacional e de fragmentação que poderiam passar a ser assumidos como a alienação e a tragédia de todo um povo.

Nessa novela garrettiana, o relato pode seguir duas vias opostas: seja aquela da viagem, isto é, o fato da locomoção, as peripécias, as impressões dos viajantes; seja aquela da narração, isto é, a maneira de relatar as experiências vividas durante a viagem. A obra descreve um trajeto cujo ponto de partida é Lisboa e o de chegada Santarém, limite que é necessariamente ultrapassado, porque o fim principal para o escritor Almeida Garrett não é dar conta da aventura até Santarém e sim desvendar como essa viagem é reveladora da construção/desconstrução da nação portuguesa, da identidade nacional e de seu mundo interior.

Enquanto relato de viagens, cujo caráter ulterior do ato de narrar é extremamente acentuado por configurar-se como memória, a obra deixa explícita a situação do narrador em relação ao que narra; nele, o estatuto de viajante autoriza o narrador autodiegético a referir de modo muito pessoal um acontecimento singular – ir de Lisboa a Santarém; organizando os acontecimentos numa versão definitiva, ele “procurará narrar uma história que conhece em sua totalidade” (Buttor, 1969, p. 77). Voltado para o exterior e acolhendo impressões de viagem, comentários de leituras, reflexões políticas, estéticas, morais, religiosas, esse relato apresenta-se, por essência, como espaço de fundação e reconhecimento do eu, tornando-se exercício intelectual e oficina de idéias. O estatuto da confidência, a extroversão dos fatos para o “leitor benévolo”, decorre, assim, de uma necessidade de comunicação do *eu* consigo mesmo ou com os outros. Conseqüentemente, a tendência descritiva, privilegiada pela narrativa e estimulada pela autoridade do narrador-viajante que conhece muito mais que seus leitores, alterna-se com a digressão, porque o sujeito que se desloca no espaço português empreende uma viagem ao interior de seu país e ao interior de si próprio, realiza “uma viagem de natureza ideológica e de intenção didática, autorizada pela experiência adquirida e constituída por digressões intelectuais, através de valores e de sentidos culturais descobertos a partir da primeira (...) viagem” (Reis, 1994, p. 91), aquela realizada a Santarém.

É interessante notar que a relação constante entre o narrador e o narratário é muito forte, sendo que, muitas vezes, nela a presença de Garrett se faz sentir de modo atuante e sedutor, constituindo-se no elemento unificador de todas as digressões, de todas as evocações, dos elementos mais díspares da novela. A função unificadora do autor permite o estabelecimento do pacto autobiográfico: autor, narrador, personagem, em determinados momentos, identificam-se, justificando-se então o

autobiografismo de **Viagens na minha terra**. A voz de Garrett chega, muitas vezes, a sobrepor-se à do narrador, justifica-se a afirmativa de Carlos Reis (1994, p. 91), de que é Garrett que diz ao leitor de **Viagens**:

*Chegue-me a Santarém, descanse e ponha-se-me a ler a crónica: verás se não é outra coisa, verás se diante daquelas preciosas relíquias, ainda mutiladas, deformadas como elas estão por tantos e tão sucessivos bárbaros, estragadas, enfim, pelos piores e mais vândalos de todos os vândalos, as autoridades administrativas e municipais do feliz sistema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se diante de seus olhos os homens, as cenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as inscrições, levantar-se as estátuas e os túmulos, e reviver-lhe toda a poesia daquelas idades maravilhosas! (p. 194)*

Nota-se, através do excerto, a ironia com que o narrador analisa a situação deplorável da nação portuguesa deformada, mutilada pelos “vândalos”. A voz do Autor aqui se identifica à do narrador, como fatos de sua vida identificam-se a fatos da vida da personagem Carlos. Garrett, como o herói de **Viagens**, possui temperamento poético, é inconstante nos seus amores, foi exilado político, lutou contra o absolutismo miguelista e, principalmente, desiludido abandonou os ideais liberais que o acompanhavam desde a juventude ao aceitar o título de visconde. O Autor, ao dar um nome fictício à personagem, transforma sua biografia em romance e beneficia-se da liberdade criadora. Mesmo assim, o caráter retrospectivo da narração e, em determinados momentos da narrativa, a reunião, numa mesma pessoa gramatical *eu*, de três entidades, dá ao discurso uma importância e uma complexidade particulares. O vai-e-vem entre o tempo da história e o da escritura permite a constante relação entre o eu do presente narrativo e o eu passado, relação de identificação, renascimento de emoções ou de distanciamento, nostalgia de uma época passada e revivida. O que se vê, então, é um plano temporal múltiplo: o presente abrange o período de viagem a Santarém, no ano de 1843; o passado recente remete para a época das lutas entre liberais e absolutistas, de 1830 a 1834; o passado remoto conduz aos primórdios do século, quando o narrador refere a vida pregressa de uma das personagens da história de Joanhina, Frei Dinis; e, através das digressões, recua na História de Portugal ao momento em que se inicia o fim do Império. A novela de Almeida Garrett persegue a história e empreende esse cerco por uma bem construída estrutura ficcional que exercita o estatuto da verossimilhança com propriedade. Entretanto, no intuito de falar do passado em veracidade, a obra incorpora alguns artifícios de composição, cuja finalidade é reforçar as motivações realistas e ampliar a básica histórica.

O jogo entre narrador e personagem que sinaliza, de certa maneira, o autobiografismo na novela, duplica a organização material da representação que é a própria escritura. O narrador, então, dirige-se ao seu narratário com o qual instaura um diálogo mais ou menos explícito. Comentando seu texto, ele reafirma os jogos de sua memória e insiste na dificuldade de discernir a verdade ou de comunicar certos esta-

dos psíquicos:

*Mas o que terá isso com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais íntima e verdadeira relação que é possível. É que a pensar ou a sonhar nestas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja. Aí paramos, e acordei eu. Sou sujeito a estas distrações, a este sonhar acordado. Que lhe hei-de eu fazer? Andando, falando, escrevendo, sonho e ando, sonho e falo, sonho e escrevo. Francamente me confesso de sonâmbulo, de sonilóquio, de (...) Não fica melhor com seu ar de grego (hoje tenho a bossa helênica num estado de tumescência pasmosa!); digamos sonólogo, sonógrafo (...)*  
*A minha opinião sincera e conscienciosa é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar ao capítulo seguinte, que é outra casta de capítulo. (p. 26)*

O trecho final do capítulo quatro induz o leitor a encontrar a sinceridade do autor-narrador. Esse pretende narrar os acontecimentos passados com o máximo de exatidão e sinceridade, o que é um erro, pois a memória, que dirige esse tipo de discurso retrospectivo, é, muitas vezes, infiel; o passado é colorido pelo olhar retrospectivo; a organização dos pensamentos, das emoções, em forma discursiva, não apresenta a espontaneidade primeira. O tom coloquial, as questões retóricas dirigidas ao narratário (“Que lhe hei-de eu fazer?”), o ar de confiança (“Francamente me confesso de sonâmbulo”, “Á minha opinião sincera...”), a demonstração de domínio lingüístico (“me confesso de sonâmbulo, de sonilóquio [...] digamos de sonólogo, de sonógrafo”) procuram a cumplicidade do narratário que o está acompanhando não apenas na viagem, mas também na descoberta de seu interior. Ora, considerando-se o propósito das palavras acima supostamente dirigidas pelo Autor a seus leitores, o princípio operatório que leva a uma leitura pertinente de **Viagens** consiste também em observar o diálogo que a narrativa mantém com a História de Portugal, capaz de inspirar importantes ligações ideológicas.

Assim, o jogo narrador-narratário explicita-se no momento em que o narrador, desejando compreender a evolução de sua personalidade, é levado a analisar ou, então, a estruturar sua história na dependência das intenções daquilo a que ele se consagra. A seu tempo o autor Garrett escreve porque descobriu a perspectiva segundo a qual ele deseja ver sua vida, e essa perspectiva é ela-mesma resultado de sua história.

O mérito de **Viagens na minha terra** centra-se, justamente, na textualização da memória, na viagem como temática e motivo da novela, no conceito de nação e no autobiografismo que Garrett desenvolve. Também fica por conta da acurada observação dos fatos que põem a nu as engrenagens sociais do tempo e dos espaços em que viveu, pois, mesmo contextualizado, em diferentes épocas, Garrett revela as faces do seu País. No passado recente, nas ruínas de Santarém, provocadas pela guerra civil, o Autor encontra explicações para a falência do Espiritualismo e da Restauração. No passado remoto, onde os ecos da heroicidade pretérita ainda estão gravados em Santarém, Garrett encontra alento ante o que “fez fraca a forte gente”. Os “barões” agora no poder, no governo de Costa Cabral, são de outro gênero, alinhavados

pelo materialismo triunfante; não pertencem à mesma casta gloriosa dos “barões assinalados”, já que Portugal encontra-se profanado, conforme exclamação do narrador:

*(...) malditas sejam as mãos que te profanaram, Santarém (...) que te desonraram, Portugal (...) que te envileceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua história! (...) (p. 185)*

Mesmo abrindo atalhos para a substituição do antigo regime por um outro, também hierárquico e dominante, os desvios praticados por Garrett, dentro de um discurso hegemônico, conforme a análise assinalou, conferem à sua novela certa fragilidade diante da força da infra-estrutura ficcional que, embalando-o com uma venerável tradição narrativa, controlada pela diferença, pela nítida separação entre sujeito e objeto, entre público e privado, aponta para a perda das raízes, padrões e valores, para a desnacionalização e ruína de Portugal que se alegorizam em outros aspectos, ao se estabelecer um paralelismo simbólico entre as reflexões político-sociais do narrador e a fábula sentimental de Carlos e Joaninha.

Desse modo, o discurso sobre a decadência de Portugal é negativo, para que os leitores da época criassem a consciência da direção a ser tomada. Contudo, o narrador/autor não vê perspectivas de alcançar o seu objetivo, pois a própria auto-imagem do homem português também não é positiva. Por conseguinte, a intenção didática da narrativa de reformar o País, de exagerar a ruína portuguesa para provocar uma transformação, não se concretiza, pois, segundo Garrett, Portugal mostra-se de costas para o futuro.

## ABSTRACT

This study intends to effect a critical reading of Garrett's work, especially of **Viagens na minha terra**, taking into consideration, simultaneously, the question of the construction of the idea of nation and national identity and autobiographical pondering on the category narrator-author.

### Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BUTTOR, Michel. **Essais sur le roman**. Paris: Gallimard, 1969.
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Porto: Lello & Irmão, 1966.
- GUATTARI, Félix, ROLNICK, S. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- REIS, Carlos. **O discurso da peregrinação: narrativa, viagem, tempo**. BHS, LXXI, 1994.